



A PAISAGEM PARA ALÉM DO QUE A VISÃO ALCANÇA: UMA ABORDAGEM DA PERCEPÇÃO DA PAISAGEM PARA CEGOS

Linovaldo Miranda Lemos¹

Lívia Siqueira Silva²

Introdução

De forma geral as análises sobre a paisagem e o espaço geográficos são pautadas no sentido da visão como critério primordial para sua definição, sendo esta entendida como o “*espaço abarcado pela visão de um observador*” (SOUZA: 2013, p. 43-44, grifos no original). Tomando-se por princípio a clássica definição dada por Milton Santos de que “... tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é paisagem...”, muito das práticas pedagógicas (e da própria concepção da paisagem) secundarizam, de forma aberta ou subliminar, a importância de outros sentidos envolvidos na percepção da paisagem, não obstante o próprio Santos tenha expressado, na sequência do seu escrito, que a paisagem geográfica “... não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. (SANTOS: 1998, p.61). Há, portanto, nesta definição tão disseminada entre nós, geógrafos e professores brasileiros de geografia, uma abertura e uma possibilidade de compreensão da noção e do conceito de paisagem para além do olhar, do sentido da visão.

O presente artigo procura ser uma contribuição ao debate, trazendo elementos para a compreensão da percepção da paisagem para pessoas com cegueira congênita e adquirida de forma a possibilitar uma maior abertura em direção a um ensino de geografia numa perspectiva multissensorial-inclusiva. Objetiva, nesse sentido, apresentar pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevistas semiestruturada com seis alunos atendidos pelo Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNEE), do Instituto Federal Fluminense (IFF), *Campus* Centro. Trata-se de uma pesquisa que versa sobre as dificuldades encontradas ao longo da vivência como cegos, especialmente em relação à escola; as formas de percepção das transformações do espaço circundante e da paisagem; e a definição e compreensão da paisagem, como noção geral e como conceito geográfico.

Há nisso um pano de fundo que é, ao mesmo tempo, ético e científico: primeiramente porque tal abordagem significa o reconhecimento da existência de um enorme contingente

¹ Professor do Instituto Federal Fluminense, IFF. Doutor em Geografia pela UFRJ. linovaldomlemos@gmail.com

² Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense. livias.contato@gmail.com

da população brasileira³, o cidadão com algum tipo de deficiência, que precisa fazer garantir seus direitos básicos, especialmente aqueles postulados universais relativos à pessoa humana, bem como ao reconhecimento e o respeito às suas individualidades e a garantia de acesso à educação. Concomitantemente a esse princípio ético há o argumento de que *ir além da visão* significa caminhar em direção a uma abertura à outras possibilidades interpretativas da paisagem geográfica que sejam capazes de incorporar outros sentidos e formas de apreensão do mundo. Portanto, ao fim e ao cabo, não se trata de uma postura complacente em relação aos deficientes visuais, mas sim o reconhecimento da possibilidade de uma troca, de um aprendizado recíproco capaz de renovar a própria discussão sobre a paisagem em geografia.

1. A didática multissensorial e a interpretação da paisagem

A chamada didática multissensorial se baseia no pressuposto de que a aprendizagem ocorre por meio de processos de captação de informações pelos diversos sentidos (tato, audição, visão, paladar, olfato) e que estas informações se inter-relacionam no nosso cérebro e adquirem um significado único. Assim sendo, pessoas desprovidas do sentido da visão são plenamente capazes de realizar operações mentais complexas como a formulação de hipóteses, experimentos, generalizações e induções, utilizando-se, para isso, de outras formas de percepção (ARRUDA: 2014, 2016; TAVARES; CAMARGO: 2010; SOLER: 1999).

Diferentes sentidos concorrem como formas de percepção do mundo. Portanto, sendo o ambiente repleto de estímulos, toda a atividade corporal, os sons, os odores e mesmo a percepção por meio da sinestesia concorrem para a criação de imagens mentais e de elementos que compõem a paisagem (ARRUDA: 2016; VEDANA, 2020; ROSSI, 2015).

Luciana M. S. de Arruda (2016) assim sintetiza a operacionalização desses pressupostos da didática multissensorial especificamente ao ensino de geografia:

Portanto, deve-se considerar, no ensino de alunos com deficiência visual, a valorização e utilização dos sentidos: auditivo (audiolivros, filmes com audiodescrição), do tátil (mapas, globos e maquetes), do olfativo (material que transmita através do cheiro característica de um determinado lugar), o gustativo (alimentos de diferentes regiões). Também, a utilização de materiais com texturas e livros didáticos adaptados ou textos transcritos em Braille e tipo ampliado (ARRUDA: 2016, p. 96).

Não sem sentido, referirem-se à possibilidade de práticas de ensino de geografia com o uso da “cartografia assistiva” (SILVA; GUEDES: 2020), da “cartografia tátil” (CASTRO; PIMENTA: 2020), de “maquetes multissensoriais” (ARRUDA: 2016), ou de “cartografias em libras” (SANTANA: 2020), só para citar alguns exemplos. Em síntese, iniciativas como estas de concepção, produção e realização de “produtos” e de atividades pedagógicas atendem àquele princípio fundamental da necessidade de inclusão, mas, não só isso: oportunizam a incorporação de posturas éticas e princípios científicos abertos a formas diferenciadas de percepção e de representação do espaço, em sua ampla gama de

³ Segundo dados do IBGE (BRASIL: 2010), 23,9% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência (visual, auditiva, motora, mental ou intelectual). Desse total, 3,5% da população apresenta algum tipo de deficiência visual (cegueira, baixa visão e visão subnormal).



possibilidades, em direção à renovação das concepções teóricas e das próprias práticas da geografia escolar, voltadas ou não para alunos com alguma deficiência.

2. Trajetória metodológica e trajetória de vida como uma trama

A trajetória metodológica da pesquisa se confunde com a própria trajetória de vida de um dos autores do presente texto. Tendo nascida sem a deficiência, foi perdendo esse sentido ao longo do tempo, passando de vidente, para baixa visão e, depois, para completamente cega aos 27 anos de idade. Portanto, no seu caso, falar da percepção da paisagem para pessoas cegas se traduz em falar de si mesma, como parte do trabalho, como os demais entrevistados (SILVA, 2021). Sendo aluna cega de um curso de Licenciatura em Geografia, sentiu a necessidade de trabalhar a temática da paisagem geográfica conjuntamente com seu orientador, coautor do artigo. Quando vidente, a autora fiava sua percepção do mundo ao redor em grande parte pelo sentido da visão. Na ausência deste, formas de percepções outras tomaram a dianteira e passaram a iluminar aspectos que, antes, encontravam-se adormecidos, negligenciados ou despercebidos do seu potencial.

Assim sendo, há que se sublinhar que a pesquisa leva em conta essas realidades distintas, daqueles que nascem cegos e daqueles que se tornam cegos, de forma a investigar como se dá essa percepção do mundo ao redor e, em particular, suas concepções de paisagem. Outro aspecto relevante e que deve ser ressaltado é que essas distinções não se dão somente em função do fato da ocorrência de cegueira congênita ou adquirida, mas, também, pelas formas através das quais o sujeito foi estimulado desde o nascimento (ou então a partir do momento que perdeu a visão), no processo de reabilitação.

A construção da pesquisa se pautou numa abordagem qualitativa, o que significa dizer que “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, [...], mas que permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (GODOY, 1995, p. 21). Para tanto, baseou-se em entrevistas semiestruturadas com seis participantes sendo que três possuem cegueira congênita e três deles a cegueira adquirida. Vale ressaltar ainda que, dentre os três indivíduos com cegueira adquirida, dois tinham a visão normal e um era baixa visão. Como se verá, essas particularidades se farão presentes nos conteúdos das entrevistas. Estas foram realizadas entre os dias 24 de maio e 15 de setembro de 2020 por meio de aplicativo de mensagens, o *WhatsApp*, tendo em vista o momento de pandemia pelo qual o país está passando e a necessidade de respeito às regras de distanciamento social.

O critério de escolha dos participantes foi a partir do contato no círculo de pessoas que, como a pesquisadora, são ou foram atendidas pelo NAPNEE/IFF ou pelo Educandário São José Operário, duas Instituições situadas na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ, reconhecidas por suas ações na educação de pessoas que necessitam de atendimento especializado. As perguntas foram enviadas de forma escrita e os entrevistados as respondiam através de áudios. Dúvidas e esclarecimentos adicionais foram resolvidos num diálogo à distância, mas constante. Concomitantemente ao processo de realização das entrevistas (e estendendo-se para além deste), houve a transcrição e revisão de todo o material

As entrevistas foram compostas por 10 perguntas sendo 4 de tema geral e seis relacionadas, de forma mais direta, à paisagem. Dessas dez perguntas, nove foram para ambos os grupos trabalhados, sendo que o grupo com cegueira adquirida respondeu a mais uma questão. A fim de preservar os entrevistados, mantendo-se a privacidade e o

anonimato, seus nomes foram modificados para João, Marcos, Henrique, Carol, Larissa e Cauã.

3. Sons, cheiros, sensações e emoções: uma percepção da paisagem para além da visão

Os resultados das entrevistas, dispostos a partir desse ponto do texto, foram agrupados em quatro seções temáticas, de acordo com as respostas a partir dos temas propostos no roteiro geral das entrevistas. Esta forma de *categorização*, por assim dizer, presta-se a trazer as questões centrais extraídas das entrevistas como forma de iluminar elementos pertinentes aos sentidos e descrições da paisagem, especialmente no contexto escolar.

3.1. Sobre a escola: desafios e experiências

A análise das entrevistas demonstra certas dificuldades da escola no trabalho dentro de uma perspectiva da educação inclusiva. Durante as entrevistas, fizemos uma pergunta a todos os entrevistados: “Com relação à escola quais são as principais dificuldades? Acha que as escolas e os professores estão preparados para o aluno com cegueira?”.

As respostas dão conta dos enormes desafios e das dificuldades nesse quesito, conforme apontada por João.

Em relação às escolas, na verdade eu acho que elas não estão preparadas ainda. Nem os professores, porém, tendo alguns que se esforçam, tentam dar o máximo de si e às vezes conseguem fazer um bom trabalho. Portanto, as dificuldades podem ser variadas, muitas das vezes pode ser da infraestrutura, por questão de acessibilidade do material didático, às vezes as atividades não são pensadas ou planejadas para atender às pessoas com cegueira. Eu já tive em sala de aula que a professora passou filme legendado, quer dizer não pensando nada em acessibilidade e olha que era matéria de AEE (Atendimento Educacional Especializado). [...]. (João, 29 anos, cegueira adquirida).

Podemos concluir esse pensamento do João ao ler a fala do Marcos.

[...] Para espanto nosso quando vamos fazer essa pesquisa em campo descobrimos que, na maioria das escolas, não tem um professor adjunto ao professor titular para auxiliar o portador de necessidades quando a lei observa que nós temos alguns direitos. E nem por isso, e aí, o pai do aluno, a mãe do aluno, o familiar do aluno ou até mesmo o aluno se decepciona com esse tipo de recepção da escola. Claro, o inclusivo bom é, porém, quando você tenta se incluir no inclusivo a gente é mais excluído do que incluído. E nem o professor titular da classe está preparado e menos ainda tem um professor auxiliar em substituição aquele conteúdo que está lá a frente regendo o professor titular. [...]. (Marcos, 48 anos, cegueira adquirida).

Ao analisarmos as falas do João e do Marcos, podemos perceber os obstáculos encontrados na educação inclusiva, como profissionais não capacitados e despreparados para com as questões da inclusão. João nos falou, por exemplo, que a professora exibiu um

filme legendado sem nenhum tipo de assistência (filmes dublados, audiodescrição, ou suporte de um profissional) para ele que é cego, o excluindo naquele momento.

Analisando a entrevista do Cauã, vimos, também, a ênfase que dá ao papel das instituições como ambientes facilitadores no processo de aprendizagem.

Eu acho que já houve circunstâncias muito piores no quesito de despreparo em relação às escolas para com os alunos deficientes visuais. Por exemplo, eu ingressei em uma escola pública em 2004 e tinha muita dificuldade em relação a acompanhar a matéria, a copiar basicamente a matéria do quadro porque nem sempre os alunos queriam ou podiam tanto copiar a matéria para eles mesmos quanto ditar a matéria para gente. Às vezes era um pedido do professor pois não havia material adaptado para gente acompanhar as aulas na sala de aula. [...] Hoje, graças a Deus, existem muitos colégios que possuem núcleos especializados de atendimento a pessoas com deficiência visual, um exemplo disto é o Educandário São José Operário [...] embora meus últimos contatos com escola tenham sido no período de 2014 e 2015 eu diria que sim. Se formos colocar no período entre 2005 e 2015 muitas coisas melhoraram, mas a gente sabe que as vezes, por mais informação que exista, ainda existe muita desinformação, por vezes até por ignorância. [...]. (Cauã, 28 anos, cegueira congênita).

Há no nosso país normatizações legais com relação ao direito à educação inclusiva (BRASIL: 1996; 2008; 2015). A existência da lei, no entanto, por si só, não é garantia da sua aplicação. Há, ainda, problemas como a falta de profissionais capacitados, a carência de recursos didáticos acessíveis ou mesmo a própria inabilidade de sistemas de ensino, de escolas e de professores de implementarem políticas de acesso e permanência dos alunos com necessidades específicas no ensino regular.

3.2. Um espaço em constante transformação

Um prédio em construção, uma calçada quebrada, uma árvore recém-plantada pela prefeitura, uma reforma em uma praça etc. são mudanças espaciais que podem ser triviais para aqueles que têm a possibilidade de uso do sentido da visão. No entanto, para cidadãos cegos, as transformações que ocorrem no nosso dia a dia são percebidas com a ajuda de outros sentidos. Na pesquisa fizemos a seguinte pergunta: “Como você percebe as transformações que ocorrem nos ambientes que você frequenta no seu dia a dia, seja na sua casa, na escola ou na cidade como um todo?”

A Larissa me respondeu:

Difícil perceber, geralmente alguém me conta que algum lugar está diferente, que mudaram alguma coisa, geralmente quando não é natural a mudança, porque da natureza demora mais ou quando alguém fala “hoje o mar está assim, hoje o lugar está assim”. Mas, geralmente, não percebo por que teria que ter uma mudança muito significativa para eu saber algo que não estou vendo. [...] Então quando isso impacta na minha interação com o ambiente é que eu percebo. Se não a gente

acaba não percebendo mesmo, isso é ruim, mas não tem muito o que fazer. (Larissa, 28 anos, cegueira congênita).

Carol também fala de como ela percebe as transformações. Diferente da Larissa, relata uma menor dificuldade com os ambientes internos e de convívio dela.

Em questão de ambiente acho que quando você, por exemplo, em casa, se você muda alguma coisa de lugar isso faz diferença. Às vezes você está acostumada com uma coisa naquele lugar aí você muda e acaba tropeçando naquilo e aí está uma forma de você identificar que as coisas mudaram. Às vezes até no ambiente onde você trabalha, por conta também disto, se você muda alguma coisa de lugar uma coisa mais básica, algum móvel, eu acho que dá para perceber bem que deu uma mudada no ambiente. (Carol, 28 anos, cegueira congênita).

Apesar da Larissa nos dizer que é difícil perceber as mudanças, o Henrique nos mostra outra realidade quando nos expõe como percebe o ambiente fora do seu convívio.

Agora quanto aos ambientes externos, eu acho que a gente consegue utilizar um pouco além dos sentidos, do que só esbarrar. Por exemplo, para alguma mudança, em relação a árvores plantas, ou flores... A gente consegue utilizar o olfato. Como eu respondi na outra pergunta, o que a gente pode utilizar que auxilia demais, é a questão da comunicação. E então você consegue saber onde abriu tal comércio através do que outras pessoas falam. Você consegue notar questões de construções pelo barulho. Você acaba contando com a audição também. Então, todo o nosso corpo, mesmo não oferecendo a visão, consegue informar esses detalhes e, com a estimulação desses outros sentidos que a pessoa com deficiência tem a percepção do seu ambiente ao redor. Então basicamente é utilizando os outros sentidos. (Henrique, 24 anos, cegueira adquirida).

Então podemos perceber as diferenças das percepções desses entrevistados. Larissa e a Carol percebem as transformações ocorridas mais facilmente quando sofrem um impacto direto no seu deslocamento no ambiente interno e de convívio. A Larissa também relata que muitas vezes só percebe as mudanças quando alguém a relata, como ocorre com a mudança do mar. Henrique já traz a fala que percebe as transformações em outros ambientes com a assistência de outras pessoas e o uso de seus sentidos.

3.3. De um cego para outro cego: a descrição da paisagem que se gosta

Como o intuito desse trabalho é mostrar que o cego possui percepção da paisagem para além do sentido da visão foi feita aos participantes a seguinte pergunta: “Descreva uma paisagem da qual você gosta, se possível com riqueza de detalhes como se estivesse falando para outra pessoa cega.”.

João fala um pouco da paisagem que ele gosta e como a sente ao seu redor.

A paisagem que eu gosto é aquela paisagem bem natureza mesmo. Com sons de pássaros cantando, com um lago ou um rio passando fazendo aquele som do lago. Com flores que exalam aqueles aromas, pássaros pulando de galho em galho

das arvores, sentir aquele sol ou até uma sombra de uma árvore se estiver calor. O chão, sentir o pé, ficar descalço no local onde tem essa paisagem. Estar em contato bem mais aproximado da natureza o possível usando todos os sentidos que eu possa para poder perceber o que me rodeia. (João, 29 anos, cegueira adquirida).

Henrique fala da paisagem da fazenda de seu avô e descreve a forma que ele se lembra da época de quando a enxergava.

A paisagem era do céu já todo alaranjado por causa dos raios do sol, algumas nuvens, bem poucas nuvens, aparecendo contrastando o branco com o laranja no céu. O sol com sua cor bem mais forte do que o normal e quase já sumindo no horizonte, bem próximo de anoitecer.

Na paisagem também podia ver o gado pastando, alguns com os bezerrinhos do lado. O pasto bem baixinho e, assim, um vento bem suave só te bagunçando o cabelo. E no horizonte, você via que ele ainda era suficiente para balançar um pouco as copas das árvores. As folhas voando e no fundo um cheiro de café, que minha vó sempre faz no fim da tarde [...]. (Henrique, 24 anos, cegueira adquirida).

Larissa descreve uma praia que ela frequenta e fala que paisagem, para ela, é algo externo.

[...] As praias são parecidas, então eu vou falar da praia que eu costumo ir que é a praia de Santa Clara, lá tem bastante vento, o areal é bem grande então você anda bastante. Então você imagina uma faixa de areia bem grande, bastante areia, tem um calçadão. Toda essa faixa de areia e o mar na frente e nessa faixa de areia tem algumas trilhazinhas que você pode andar, porque em outros lugares tem uns matinhos então não dá para passar, precisa andar nessas trilhas de areia. Aí, depois, a extensão da areia se abre mais perto do mar, você tem bastante areia livre. Não tem árvores ali, não tem pedras ali, é livre, só areia e mar [...]. Então tem o cheiro ali de mar, de maresia normal, como eu falei tem bastante vento e o barulho do mar é contínuo. Você não ouve as ondas indo e voltando é um barulho contínuo aquele grave do mar, a água é quase morna. É fresca. Tem, às vezes, algumas conchas no chão ou algum peixe morto. A areia é plana, não tem subida e nem descida. Eu sempre penso no sol, em um dia ensolarado porque são os dias que eu costumo ir lá e costuma ter algumas pessoas. Às vezes tem um barco parado, um barquinho simples, eu acho que é isso. Isso seria a paisagem, o barulho do mar, o vento que é constante, o cheiro do mar, a sensação da areia, o Sol, uma areia que perto do mar é mais dura, mais firme e depois, quanto mais você se afasta do mar, mais fica fofa, fica mais solta. (Larissa, 28 anos, cegueira congênita).

Cauã nos traz uma paisagem do seu passado, gostava muito e que fazia parte da sua antiga escola: um jardim sensorial.

Então eu me lembro que lá tinha várias plantações, samambaias, aquelas folhas cheirosas, sabe, aquelas plantas cheirosas? E muitas outras que agora não me vem à cabeça. Já tem muito tempo que não vou lá e lá a gente ouvia o canto dos pássaros e o barulho do vento. Era um local maravilhoso, um típico local para você estender uma toalha no chão, se sentar e fazer um piquenique, por exemplo. (Cauã, 28 anos, cegueira congênita).

Ao analisar as respostas dos entrevistados, pudemos observar a riqueza de detalhes de algumas respostas escolhidas. Apesar de Henrique descrever uma paisagem da época que era vidente, soube fazê-lo com tal riqueza de detalhes que, talvez, seria possível um a um outro cego perceber (detalhando o que estava ao seu redor, como, por exemplo, o vento no cabelo e o cheiro do café que sua avó fazia no final da tarde.

Quando Larissa disse que, quanto mais se afasta da praia, mais a areia fica fofa demonstra que é usado o tato para perceber essa diferença de textura. João nos remete a essa questão de sentir através dos outros sentidos quando fala dos sons dos pássaros e da sombra das árvores, que são elementos que o Cauã também se refere. Lembrando que Cauã fala muito dos cheiros das plantas, pois a paisagem que dele descreveu foi o jardim de sua antiga escola, onde ele gostava muito de ir. Pode-se perceber, então, o uso do tato, olfato e audição nas respostas acima. E o quão eles são importantes para os entrevistados conhecerem e reconhecerem lugares e as suas paisagens.

3.4. Percepção da paisagem: Já nascemos com ela ou a adquirimos?

É importante frisar que essa forma de percepção dos cegos pelos outros sentidos não nasce de um dia para o outro e varia de acordo com a forma de estímulo que cada um teve durante sua vida. Lembrando que o cego congênito recebe estímulos desde bebê. E o cego com cegueira adquirida passa a receber estímulos mais sistemáticos com a perda da visão, pela reabilitação.

Àqueles com cegueira adquirida foi feita a seguinte pergunta: “Como você percebia a paisagem quando você era vidente e agora quais foram as transformações ocorridas depois que ficou cego? Quais foram as dificuldades enfrentadas para poder ser locomover e se localizar em diferentes ambientes no qual frequentava quando era vidente?”

João reconhece que houve mudança. Ele já tinha baixa visão, mas vivia brincando e jogando com as pessoas que enxergavam.

Então, eu vou responder essa pergunta, mas substituindo a palavra vidente por baixa visão, porque foi a minha realidade. Sim. Eu nasci com baixa visão, como já disse, e assim muita coisa. Eu fazia coisas relacionadas à visão como jogar bola e até brincar com pessoas videntes. As brincadeiras que eu fazia eram diferentes. Muda bastante. Eu hoje em dia, já sem o recurso da visão, recorro a outros sentidos e imagino como é o lugar. Tipo, eu peço alguém para me descrever as cores que tem no lugar pra eu poder imaginar e saber como que é. Porque eu tenho essa noção de cores, então mudou bastante coisa sim. Os lugares que eu frequentava eu tenho aquela visão de quando era do jeito que eu tinha minha baixa visão. Então, eu lembro do lugar como era daquele jeito. Eu imagino muito como que é o lugar, por isso que eu estou muito atento



às cores, até das vestimentas, essas coisas. Porque eu tenho essa noção de cores, eu tenho essa noção de como são coisas que muitas pessoas que já nasceram cegas só sabem o que as outras pessoas falam. Eu já sei por que tenho essa noção de cor, noção de tempo. Quando está nublado, chovendo, sol ou cor do céu, da água do mar, rios, lagos. Então eu imagino muito. Eu uso muito minha imaginação quando estou num determinado lugar que não conheço e pela descrição do lugar eu percebo muita coisa. Às vezes imagino até do jeito que é. (João, 29 anos, cegueira adquirida)

Marcos relata que sua percepção era baixa e que ela se deu por escalas. E continuava a se aprofundar até sua perda aos 41 anos. Então seu processo é diferente dos outros que tiveram cegueira adquirida⁴. Além da idade mais avançada em relação aos outros entrevistados sua perda não se deu por nenhuma doença ocular, mas sim por um acidente de trabalho.

[...] No entanto, essa capacidade que eu estou tendo que me situar ela ainda é baixa. É assim que eu vejo... Essa percepção, tanto do olfato, da audição, do toque para saber até onde o espaço que eu tenho, qual meu limite. E isso é um trabalho que eu considero ser cognitivo e demanda tempo, até porque, eu associo muitas coisas ao tempo em que eu ainda conseguia enxergar com a minha visão do globo ocular. Agora sim as percepções vão vindo, mas em escalas. Enquanto a gente vai adquirindo, vem também as experiências e esse aprendizado fazendo entender o movimento das paisagens ou do que está a nossa volta. Não é fácil porque, quando a gente enxerga, não precisam nos auxiliar para fazer qualquer coisa. Ou até mesmo olhar, viver a transfiguração de qualquer coisa na paisagem. [...] Diferente talvez seja, da pessoa que nasceu com a falta da visão e que nunca enxergou e que eu acho que tenha uma outra maneira de entender a paisagem, os seus movimentos, as suas transformações, diferentes da minha que enxerguei e que agora não enxergo mais e associo ao tempo que eu enxerguei. [...] (Marcos, 48 anos, cegueira adquirida)

Henrique conta que ele se baseava na visão para notar as formas à sua volta e essa mudança fez com que tivesse um maior esforço de raciocínio.

Enquanto enxergava, eu me baseava principalmente nos detalhes visuais, nos recursos visuais. Eu percebia todos os elementos de uma paisagem diante da forma física deles. Eu conseguia saber que um pássaro estava voando no céu, porque eu conseguia ver o pássaro voando. Ver o pássaro com as asas abertas no ar, esses detalhes conseguiam definir toda essa situação de forma mais física. A diferença, hoje, ao contar com os outros sentidos, é que a percepção de um pássaro voando no céu é pelo som que ele faz. É pelo som do bater das asas. Então é toda a exploração dos outros sentidos.

⁴ No caso da coautora do presente artigo a adaptação se deu de outra forma já que a perda da visão foi gradativa, progressiva, paralelamente, de certa forma, à adaptação dos outros sentidos.



A maior dificuldade em relação a essas adaptações é que é tudo de uma forma diferente. Todo esse processo de percepção ocorre de uma forma diferente. Então, ele exige tanto o trabalho do raciocínio, quanto a assimilação os dois processos em relação à audição e o raciocínio. Então, às vezes assimilar a audição junto com o tato e o raciocínio ao mesmo tempo, acaba exigindo mais dos meus sentidos e do meu corpo. Toda essa diferença é trabalhada diante do dia a dia, seja ela acompanhada, seja ela assistida ou não. Todo corpo ele passa a reagir de forma diferente a tudo que acontece ao nosso redor. (Henrique, 24 anos cegueira adquirida)

A bagagem que aqueles que adquirem a cegueira trazem do tempo em que eram videntes é um importante auxílio no desenvolvimento e na associação das memórias visuais e da percepção⁵. Pode-se perceber que nem todos que ficam cegos se adaptam da mesma forma e que, para alguns, pode ser algo gradativo e com uma certa dificuldade.

É nesse momento que retorno para pergunta sobre estimulação, na qual indagamos a forma (ou as formas) como esta ocorre, se na escola, com amigos e familiares ou sozinho. Marcos reputa uma importância à família.

A estimulação para eu me locomover iniciou na minha casa com apoio da minha família, depois os amigos, depois os programas do governo e, por fim, a escola. E aí, cada movimento, cada etapa e com pessoas diferentes. Uma hora a família, amigo, outra hora algum funcionário acoplado em algum programa. E aí, o maior aprendizado vem de um esforço em que eu tive que fazer para poder me movimentar. Então, a figura dessas personagens é que me ajudaram e ainda, em algumas dúvidas me ajudam. Não é fácil perceber a mudança do movimento do espaço, mas é aquele esforço e aquela percepção cognitiva diária e cada conquista desses acontecimentos tem que ser festejada, por mim, para que eu tenha vontade de continuar nesse aprendizado. (Marcos, 48 anos, cegueira adquirida)

Henrique diz onde ocorreu sua reabilitação.

Como eu fui para o serviço de assistência do São José Operário, lá consegui fazer esse trabalho de aprender um pouco mais sobre os estímulos e, com isso, entender como meu corpo reage a cada um deles. Consegui aprimorar os sentidos da audição, do tato, do olfato e isso ajuda muito, facilita demais o processo. Mas, atualmente, realizado tudo por mim mesmo, no dia a dia, vou juntando elementos que vão me possibilitando ter essa compreensão e cada vez mais os elementos que são mais comuns no meu dia a dia vão se tornando mais familiares. Você, com o tempo, adquire essa habilidade de identificar as coisas com mais rapidez, mais clareza e de forma cada vez melhor. Então, é necessário a

⁵ Pode-se observar isso na fala do Henrique que relata que antes ele via o pássaro com visão e hoje ele vê pela audição, pelos bater das asas.



própria pessoa ter essa atitude de questionar e explorar cada vez mais de forma positiva todos os recursos e para que, com isso, o dia a dia seja bem mais rico em acontecimentos. E, diante disso, você perceber cada vez mais e mais tudo o que acontece ao seu redor. (Henrique, 24 anos, cegueira adquirida)

Larissa fala que frequentou uma escola de educação especial e teve apoio da família.

Sim, eu tive bastante estímulo da minha família. Minha família me incentivou bastante estimulando o tato, audição, olfato todos os outros sentidos, paladar também. Inclusive o visual para ver se ainda tinha algum resíduo, se eu conseguia enxergar cores ou claridade. E isso na escola também aconteceu.

Estudei na escola especial, mas eu também participava bastante de ambientes regulares com pessoas que enxergam e eu tinha esses estímulos na escola e na família. E, então, eu utilizo até hoje. E eu gosto muito de coisas que me estimulem os sentidos. Por exemplo, eu gosto quando tem alguma coisa para colocar a mão, uma coisa diferente, uma textura algo que faça parte do lugar. Eu gosto de colocar a mão, de ver com o tato que é diferente. Penso muito nos cheiros dos lugares. Então, esses estímulos todos são importantes e, também, a noção espacial. Como eu falei, os sentidos não acabam em si mesmos, eles são uma mistura e a gente tem os outras percepções [...] (Larissa, 28 anos, cegueira congênita)

Cauã demonstra que aprendeu um pouco na escola e um pouco em casa. Ainda, chama a atenção para a dificuldade que teve quando criança para entender o seu estado.

Eu sempre fui muito desastrado. Quando era pequeno meu cérebro era um cérebro de alguém que enxergava, diferentemente da minha condição, que era deficiente visual, que eu era e ainda sou. E então, uma das maneiras de você perceber, de você entender que você não vai perceber pelos seus sentidos, o ambiente ao seu redor, e não de outra maneira, às vezes você acaba se machucando. Até entender que existem outras maneiras de você reconhecer o ambiente. Você às vezes acaba se machucando. e sim um pouco dos dois, um pouco eu fui aprendendo a utilizar da melhor maneira os meus sentidos, a me valer, por exemplo, das mãos para poder me proteger dos obstáculos ou andar devagar. Porque, se estou em um ambiente que não conheço, bem provável que vá me machucar. Então é um pouco de cada coisa, um pouco também das experiências porque você sabe que se andar correndo você vai se machucar. Para você que é pequeno aprender isso, primeiro você vai ter que se machucar para entender. E um pouco também no colégio sim, porque eu já andei muito guiado, já tive muitas pessoas para me descrever os ambientes nos quais eu estou, então a gente aprende a ter uma ideia, uma percepção maior de como essas pessoas lidam

com um ambiente onde elas estão e a gente tenta emular a melhor maneira. Principalmente se você aprende isso em um colégio especializado, [...]. Aprendi um pouco também em casa com os meus pais e aprendi um pouquinho de como lidar com o ambiente externo no colégio também. [...] (Cauã, 28 anos, cegueira congênita)

Foi visto a diferença entre quando os entrevistados com cegueira adquirida enxergavam e hoje, que são cegos. Eles falam um pouco das mudanças na percepção do mundo ao seu entorno e as dificuldades em relacionar o antes com o agora, num processo de aprendizagem constante. No caso de Larissa, que nasceu cega, a estimulação ocorreu em parte em casa com a família e em parte na escola de educação especial desde pequena, com o estímulo do tato, do paladar, da audição, do olfato e mesmo da própria visão, em teste para averiguar algum resquício deste sentido. A presença da família, nesses momentos, é muito importante para o desenvolvimento da criança.

3.5. A paisagem para o cego

Com base nas falas acima, podemos perceber que, apesar das dificuldades pela falta da visão, o cego pode perceber o ambiente em seu entorno e suas transformações e que este usa os seus demais sentidos como a audição, o olfato, o tato e o paladar. Ocorre, assim, uma percepção multissensorial. Sabendo disso tudo, fizemos a seguinte pergunta aos entrevistados: “O que é paisagem para você? Como você percebe diferentes paisagens?”.

Nesse momento, vimos a necessidade de trazer mais de três fragmentos das entrevistas para que possamos comparar as respostas dos de cegueira adquirida com os de cegueira congênita.

Para João, a paisagem é tudo aquilo que está no meio ambiente e ele ainda faz a distinção entre o que poderíamos identificar como sendo paisagem natural e a urbana.

A paisagem para mim é aquilo que engloba tudo no meio ambiente. São aqueles itens que envolvem tudo no meio ambiente. Tipo paisagem da natureza, paisagem urbana (que são os prédios, as casas, árvores e o espaço). [...] percebo assim a paisagem ao meu redor quando é um ambiente natural que tem sons de pássaros (então pela audição dá para perceber) se tiver flores (pelo cheiro das flores, então olfato). Se for urbana muita pela cidade, pelos barulhos de carros, construção se tiver também. Mas a paisagem engloba tudo, não é só a natureza, porque para mim tem muitas paisagens urbanas também. [...] (João, 29 anos, cegueira adquirida)

Cauã argumenta que a paisagem para quem enxerga é algo visual, mas para o deficiente visual pode ser percebida de outras formas como, usando outros sentidos ou até mesmo pela audiodescrição, gerando algo abstrato.

A paisagem, para quem enxerga, é algo absolutamente visual, mas a gente pode ter uma percepção da paisagem de outras formas. A gente pode observá-la, admirá-la de outras formas, pelos sentidos que a gente conta. Quer dizer, se você está em um campo aberto e você ouve sons de passarinhos, você sabe que ali é um ambiente da natureza. O cheiro também te ajuda a admirar uma paisagem da natureza. [...] Então são formas



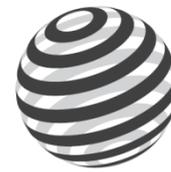
diferentes que nós, deficientes visuais, podemos admirar a paisagem. Essas são as maneiras como, por exemplo, eu posso perceber uma paisagem de natureza uma paisagem de natureza, por intermédio do cheiro, por intermédio do ar que eu respiro. São maneiras diferentes de se perceber a paisagem. Outra forma também que é muito importante é a própria audiodescrição. Esta é uma maneira fantástica de perceber uma paisagem porque ela serve para tornar algo abstrato em algo mais palpável, em algo mais imaginável. Então a audiodescrição também é uma das maneiras que podemos utilizar para termos uma percepção de paisagem que, normalmente, a gente talvez não teria. (Cauã, 28 anos, cegueira congênita)

Para Larissa a noção de paisagem é aquela alinhada aos aspectos visuais, da forma como aprendeu na escola. No entanto, para ela que é cega desde o nascimento, a apreensão dos sentidos da paisagem se dá por outros sentidos:

O conceito de paisagem que aprendi na escola é muito visual, então uma paisagem natural, uma paisagem urbana vai ter árvore, prédios, vai ter poste, vai ter mar, mas eu aprendi que é um conceito visual, então eu não sei se o que eu consigo saber é uma paisagem. [...] quando me lembro de um lugar a paisagem para mim caracteriza esse lugar. Então a paisagem da minha rua é diferente da paisagem de uma avenida no centro da cidade, mas quando vou lembrar um lugar então com suas características eu vou lembrar-me dele de acordo como eu fiquei sabendo através dos outros sentidos, pelo barulho, se é mais ou menos movimentado, se tem barulho de mar, se tem barulho de pássaro, se tem cheiro. Para mim o cheiro acaba fazendo parte da paisagem, nesse caso, considerando que a paisagem seja um conjunto de características que aquele lugar tem. (Larissa, 28 anos, cegueira congênita)

Marcos, por seu turno, diferencia os dois momentos de sua vida, quando enxergava e quando ficou cego, fazendo uma associação entre novas paisagens e as memórias registradas na sua mente:

A paisagem para mim é tudo que se tem à volta e que eu posso perceber e ver, isso para mim é paisagem. As planícies, lugares altos, morros, prédios, casas. Há uma infinidade de coisas para definição de uma paisagem. [...] Porém, para quem enxergou como eu até meus 41 anos de idade, então, a paisagem era tudo que eu podia enxergar com os olhos. Entretanto, depois que adquiri a cegueira e a falta de visão, a paisagem para mim é por percepção e eu associo ao que está guardado na minha memória interna. Então, daí eu faço a projeção dessa nova paisagem na minha cabeça. Com certeza não é a definição exata dessa paisagem, aí eu busco auxílio para que eu entenda um pouco mais do que está à volta ou do que está contido em parte dessa paisagem. [...] (Marcos, 48 anos, cegueira adquirida)



Como pudemos atestar, a paisagem pode abarcar outras dimensões e sentidos que não a visão, indo desde uma visão abstrata e imaginativa⁶. Todos os quatro demonstram a capacidade de perceber a paisagem através dos cheiros, e dos sons.

Considerações Finais

Já se referiram às pessoas com deficiência como “a nossa maior minoria” (SANTOS: 2008) e o presente artigo visa ser uma contribuição à compreensão da percepção da paisagem para um importante segmento desse contingente, pessoas com cegueira adquirida e congênita. A pesquisa qualitativa de cunho exploratório investigou as formas de percepção da paisagem entre os seis entrevistados. Em última análise os fragmentos das entrevistas, ora apresentados, configuram um convite a abordagens mais nuançadas a respeito das formas de percepção da paisagem, como noção de domínio geral e como conceito da geografia científica e escolar.

Longe de pretender ser uma contraposição ou uma oposição à dimensão visual da paisagem, tão presente na geografia, o presente artigo é um convite às possibilidades de sua compreensão, para além daquilo que é abarcado pelo olhar. Ao incorporarem-se o tato, a audição, o olfato e o paladar abrem-se possibilidades para práticas pedagógicas que são, simultaneamente, mais inclusivas e mais abertas a todos os sentidos e a todas as pessoas.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, L. M. S. O ensino de Geografia para alunos com deficiência visual: novas metodologias para abordar o conceito de paisagem. 2014, 175 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

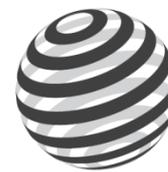
ARRUDA, L. M. S. Geografia na Infância para Alunos com Deficiência Visual: a utilização de uma maquete multissensorial para a aprendizagem do conceito de paisagem. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, 6(11), 208–221. Recuperado de <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/379>. Acesso em 20 ago. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 22 de ago. de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008**. Define que as Redes Estaduais de Atenção à Pessoa com Deficiência Visual sejam compostas por ações na atenção básica e Serviços de Reabilitação Visual. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt312_24_12_2008.html>. Acesso em: 29 de outubro 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 22 ago. 2021.

⁶ Há que se ressaltar que ao assim qualificarmos (como abstrata ou imaginativa), não estamos aplicando uma valorização a esses termos.



BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência, 2010. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.

Acesso em: 22 ago. 2021.

CARLI DE CASTRO, Cheylla da Penha; PIMENTA, Thamiris de Aquino. Cartografia Tátil. **Revista Educação Geográfica em Foco**, [S.l.], v. 4, n. 7, apr. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1024>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas** São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, Mai./Jun. 1995.

ROSSI, Dariane Raifur. **Geografia Multissensorial**: uma contribuição para o ensino de pessoas deficientes visuais. Porto Alegre. IGEO/UFRGS, 2015.

SANTANA, Fabio Tadeu de Macedo. Cartografias em Libras. **Revista Educação Geográfica em Foco**, [S.l.], v. 4, n. 8, out. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1486>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Wederson Rufino dos. Pessoas com Deficiência: nossa maior minoria. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 18 [3]: 501-519, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/SDWpCmFGWGn69qtRhdqqGSy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 22 ago. 2021.

SILVA, Livia Siqueira. Uma abordagem sobre a percepção da paisagem para alunos cegos. 2021, 111 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação). Instituto Federal Fluminense/IFF, Curso de Licenciatura em Geografia, Campos dos Goytacazes, 2021.

SILVA, Josimária Santana da; GUEDES, Josiel de Alencar. Cartografia Assistiva para Daltônicos e Deficientes Visuais. **Revista Educação Geográfica em Foco**, v. 4, n. 8, out. 2020. ISSN 2526-6276. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1142>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

SOLER, Miquel-Albert. **Didáctica Multisensorial de las Ciencias**: Un nuevo método para alumnos ciegos, deficientes visuales, y también sin problemas de visión. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1999.

SOUZA, Marcelo L. de. Paisagem. In.: **Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2013, p. 43-76.

TAVARES, Leandro H. W. CAMARGO, Éder P. de. Inclusão Escolar, Necessidades Educacionais Especiais e Ensino de Ciências: Alguns Apontamentos. **Ciência em Tela**, Vol. 3, N.º 20, 2010. Disponível em:

http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0210_tavares.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

VEDANA, Viviane. Paisagens sonoras urbanas: um ensaio sobre as sonoridades das cidades. In RAPOSO, P.; Renck, A.; HEAD, S. **Cidades rebeldes**: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2020. p. 197-210.